SJ011: Zeppelin: Algumas crônicas

* **Título:** *Zeppelin: Algumas crônicas*
* **Autor:** Mário de Andrade
* **Linha fina:** O caráter lúdico das crônicas de Mário de Andrade não se furta a expor as tensões de uma sociedade ricamente diversa social e culturalmente — mas com problemas arraigados lá no fundo, que se refletem nos conflitos de classe e nas relações de poder
* **Coleção:** Metabiblioteca
* **Nacionalidade:** Brasileira
* **Título original:** Não há título original pois este livro é uma antologia autoral, organizada por Rodrigo Jorge Ribeiro Neves
* **Copyright:** Domínio público. Os direitos contratados se referem apenas à organização de Rodrigo Jorge Ribeiro Neves
* **Categoria:** Ficção
  + **BISAC:**
  + **Thema:**
* **Escola:** Crônica
* **Assunto:** Crônicas brasileiras; Textos curtos; Modernismo brasileiro; Cultura popular; Conflito de classes; Identidade nacional
* **Edição:** Jorge Sallum e Rogério Duarte
* **Editor assistente:** Paulo Henrique Pompermaier
* **Organização e apresentação:** Rodrigo Jorge Ribeiro Neves
* **Capa:** Lucas Kröeff
* **Número de páginas:** 180
* **Dimensão:** 13,3 x 21 cm
* **ISBN:** 978-85-7715-760-0
* **Data de entrega de arquivos:** 1º de março de 2024
* **Sobre o livro:** *Zeppelin: Algumas crônicas* consiste em uma organização de crônicas, sob autoria de Mário de Andrade, publicadas em diversos jornais e revistas, como *Diário Nacional* e *O Estado de S.Paulo*. A maioria dos textos selecionados foram extraídos do livro *Os filhos da Candinha* (1943); os demais, de obras organizadas por especialistas no autor, como *Táxi e crônicas no Diário Nacional* (1976) e *Será o Benedito!* (1992). Nas crônicas, Mário apresenta alguns dos principais elementos que caracterizam sua literatura, como a relação entre as linguagens escrita e falada, a cultura popular, o conflito de classes, os contrastes sociais da modernização e a busca por uma identidade nacional. Em alguns textos, atua também como crítico, colocando em cena nomes importantes da literatura, das artes plásticas e da música.
* **Sobre o autor:** Mário de Andrade (1893–1945) foi um dos nomes mais importantes do modernismo no Brasil e um dos mais prolíficos intelectuais de seu tempo. Além de poeta, romancista, historiador de arte e crítico, músico de formação erudita, se dedicou a importantes estudos sobre a cultura popular nacional. Há uma gota de sangue em cada poema (1917), seu primeiro livro, foi publicado sob o pseudônimo de Mário Sobral. Mas foi em 1922 que publicou sua obra-manifesto, o livro de poemas *Pauliceia desvairada*, ano da Semana de Arte Moderna, do qual participou da organização. Com o ensaio *A escrava que não é Isaura* (1925), Mário lançou mais um manifesto. E, como contista, publicou o livro *Primeiro andar* (1926). Mas foram seus romances *Amar, verbo intransitivo* (1927) e *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter* (1928) que o destacaram.
* **Trechos do livro:**
  + **Capítulo Zeppelin**
    - Por enquanto essa máquina voadora ainda é muitas coisas pra brasileiro. É um susto pra alguns. Pra muitos será um monstro de feitiçaria, o Ogum das nossas macumbas mas ainda dotado do corpo de cobra do Ogum Badagris dos vodus haitianos, mandando na tempestade. Pra algumas será apenas um balão a fogo, antecipando a descida de S. João pra namorar no *randevu* das cacimbas. E é preciso não esquecer que patrioticamente, seguindo o versinho tradicional, Zeppelin será neto do santista Bartolomeu Lourenço de Gusmão e filho do mineiro Santos Dumont. Enfim pra uns poucos será apenas um dirigível.
  + **Capítulo O culto das estátuas**
    - Fenômeno bem curioso de psicologia social é a deformação por que passa frequentemente nas cidades o culto dos mortos mais ou menos ilustres. O culto verdadeiro, sendo subsidiário por demais, raro existe de homens pra mortos. A gente cultua facilmente Deus, deuses e assombrações [...] Já o culto dos mortos é pouco rendoso e os homens o foram substituindo pelo culto das estátuas. No fundo não deixa de ter bom resultado este culto: nós substituímos a memória do morto, difícil de sustentar, por um minuto vivo de beleza. Em verdade a função permanente da estátua não é conservar a memória de ninguém não, é divertir o olhar da gente. O fato é que bem pouco as estátuas divertem... Não só porque são raríssimas as estátuas bonitas, como porque saber se divertir com o feio é já um grau muito elevado de sabedoria, pra ser de muitos.
  + **Capítulo A pesca do dourado**
    - Eu me esforçava por pescar direito. Olhava a altura da vara do outro pescador, copiava com aplicação os gestos dele. Às vezes me dava uma raiva individualista e, só por independência ou morte, batia com a isca onde bem queria, longe dos lugares de água tumultuosa, preferidos pelos dourados. Foi numa dessas ocasiões que atrapalhei o io de aço do anzol na vara, e o lambari da isca, juque! me bateu no nariz. A natureza inteira murmurou ``Bem feito!'' e me deu uma vontade de morrer. João Gabriel, que ia de proa, olhou pra mim, não riu, não censurou, nada. Continuou proando a canoa. Essa inexistência de manifestação exterior destes que me rodeiam, a deferência desprezante, a nenhuma esperança pelo moço da cidade, palavra de honra, é detestável. Castiga a gente. Oh vós, homens que viveis no sertão, por que me tratais assim! Quero ser como vós, vos amo e vos respeito!
* **Contém imagens:** Não
* **Tiragem:** (Sem previsão; Aguardando Mayara)
* **Data de lançamento:** (Sem previsão; Aguardando Mayara)

**Imprensa:** (Sem previsão; Aguardando Mayara)